

O DUQUE DE CAXIAS NA GUERRA DO PARAGUAI: uma análise sobre a aplicabilidade da Teoria do Grande Homem para a compreensão histórica

Luiz Jeha Pecci de Oliveira

Universidade Católica Dom Bosco-UCDB

luizpecci97@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4102-7587>

Maria Augusta de Castilho

Centro Universitário Mário Pontes Jucá UMJ

maugusta@ucdb.br

<https://orcid.org/0000-0001-5235-3164>

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a aplicabilidade da Teoria do Grande Homem para compreender a história. Este artigo mostrará como se pode entender a caminhada humana a partir dos atos dos grandes personagens sobre ela, expondo como as suas personalidades, pela própria escala, podem alterar o curso dos acontecimentos. Para isso, será apresentada a trajetória do militar brasileiro Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias (1803-1880), na Guerra do Paraguai (1864-1870), mostrando como ele foi determinante para o progresso do conflito, terminando com um resultado favorável à Tríplice Aliança que se opunha ao governo do Paraguai. Para construir essa tese, o artigo trará também a importância da biografia como elemento de estudo historiográfico, sem negligenciar as vulnerabilidades dessa abordagem. A partir daí, será apresentada a Teoria do Grande Homem, tal como concebida por Thomas Carlyle (1795-1881), explicando o pensamento com seus fundamentos, críticas e defesas. Então, far-se-á uma síntese sobre a Guerra do Paraguai, mostrando suas principais características, e situando Duque de Caxias e seu papel no andamento do conflito. Utilizou-se no estudo, o método dedutivo, que parte das ideias gerais sobre a importância da biografia no estudo da história e da Teoria do Grande Homem, até sua demonstração no plano concreto, ao versar sobre a qualificação de Caxias como um personagem dessa categoria por seus atos na Guerra do Paraguai. Quanto ao procedimento adotado no trabalho foi o histórico, com pesquisas em fontes diversas e especializadas sobre a temática proposta. O resultado final apresentado é o de que a Teoria do Grande Homem é uma ideia plenamente válida para a explicação da história, e a apresentação do papel de Caxias no contexto da Guerra do Paraguai.

Palavras-chave: Biografia. Teoria do Grande Homem. Guerra do Paraguai. Duque de Caxias.

THE DUKE OF CAXIAS IN THE PARAGUAYAN WAR: an analysis about the applicability of the Great Man Theory for the historical comprehension

ABSTRACT

The current work has the purpose of analyzing the applicability of the Great Man Theory to comprehend history. This paper will show how it could the human path starting from the actions of the great people over it, exposing how their personalities, by their own scale, can change the course of the events. For this, it will be presented the trajectory of the Brazilian military man Luis Alves de Lima e Silva, the Duke of Caxias (1803-1880) in the Paraguayan War (1864-1870), showing how he was determinant to the progress of the conflict, finalizing with a favorable outcome for the Triple Alliance which opposed itself to Paraguay. To make this thesis, this work will also bring the biography's importance as a factor of the historiographical study, without neglecting the weaknesses of this approach. Starting from that, it will be displayed the Great Man Theory as conceived by Thomas Carlyle (1795-1881), explaining this thought with its fundamentals, critics and defenses. So on, it will be made a synthesis about the Paraguayan War, showing its main characteristics, and situating the Duke of Caxias and his role in the course of the conflict. For this research, the method utilized will be the deductive, which will start from the abstract ideas about the importance of the biography in the study of history and the Great Man Theory, until its demonstration in the concrete plan, versing about the Caxias qualification as a character from this category by his action in the Paraguayan War, and the proceeding adopted will be the historical, with researches in diverse and specialized sources about the proposed thematic. The final result presented is that the Great Man Theory is a completely valid idea for the explanation of history, and the presentation of the Caxias role at Paraguay is a good demonstration of it.

Keywords: Biography. Great Man Theory. Paraguayan War. Duke of Caxias.

Recebido em: 09/04/2022.
Aceito em: 04/10/2022.

INTRODUÇÃO

O estudo da história é essencial para a compreensão da identidade do próprio ser humano. Pelo contato com as ciências do passado, ele descobre não apenas de onde veio, mas também quem é e para onde vai. Por isso, o conhecimento histórico deve também se pautar pela busca da compreensão e interpretação dos fatos ocorridos no contexto da história mundial, nacional, regional e local.

Para tanto, existem diversas ferramentas que podem auxiliar o historiador na procura por um modo adequado de se narrar os atos dos homens sobre o tempo e o espaço. Uma delas é o emprego do elemento biográfico como subsídio para um entendimento concreto de determinado fato histórico ou sequências de acontecimentos dele decorrentes.

O objetivo deste trabalho é a realização de um estudo sobre o papel do elemento biográfico na compreensão histórica, valendo-se da apresentação e defesa da Teoria do

Grande Homem, pensamento que será externado como peça-chave para o embasamento da tese central.

Isso porque o objetivo principal que se pretende agir com este artigo volta-se à interpretação de um fato histórico: a Guerra do Paraguai (1864-1870). Busca-se aqui demonstrar como a aludida teoria permite entender o papel desempenhado pelo comandante brasileiro Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias (1803-1880), durante o conflito, a ponto de apresentar sua figura como determinante para o fluxo dos acontecimentos, uma vez que, sem o comando de Caxias nos momentos decisivos da luta, tudo poderia ter sido diferente.

No que diz respeito à metodologia empregada, quanto às bases lógicas de abordagem, este trabalho se valeu do método dedutivo, vez que enuncia uma ideia geral (a defesa da Teoria do Grande Homem), direcionando-se a um exemplo particular final para comprovar a tese (a importância do Duque de Caxias na explicação dos resultados dos eventos na Guerra do Paraguai). Quanto ao procedimento adotado, o trabalho utilizou o método histórico, aprofundando-se para analisar fatos da história latino-americana.

Quanto à estruturação do artigo, foi feita uma reflexão sobre a importância das biografias como fontes históricas e materiais, explorando também suas vulnerabilidades. Inicialmente, apresenta-se a Teoria do Grande Homem tal como concebida por seu autor, o escocês Thomas Carlyle (1795-1881), mostrando suas características e argumentos, bem como as tradicionais críticas à sua explicação da realidade. A seguir, assinala-se o fundamento histórico dessa pesquisa, com uma descrição sucinta sobre as principais características da Guerra do Paraguai, prosseguindo-se à análise da participação de Duque de Caxias no conflito, fixando-o como um dos “grandes homens” que sustentam a teoria de Carlyle como meio válido para o estudo da história, explorando também em momento conclusivo a significação histórica das condutas desse militar do Brasil Imperial.

A BIOGRAFIA NO ESTUDO DA HISTÓRIA

Há várias formas válidas de se trabalhar com história. Da compreensão abstrata das forças que movimentam os atos dos homens até as atitudes concretas dos indivíduos em seu lugar e momento, muitas formas são admitidas na busca pela reconstrução do passado.

Assim se defende por causa do próprio conceito de história que, de acordo com Bloch (2002, p. 67), é a “ciência dos homens no tempo e que incessantemente tem necessidade de

unir o estudo dos mortos ao dos vivos”. Portanto, dentro desse estudo temporal, é necessário fixar um sujeito como ponto de referência sobre o qual se apresenta a história.

É nesse momento que desponta a validade do elemento biográfico. Comentando sobre a importância dessa forma de se contar a história, Schmidt (2003) relembra que ela vem trabalhada desde a antiguidade, visando ao resgate de modelos de vida. Esse autor ainda recorda que, dos notáveis gregos aos hagiógrafos cristãos, a ideia da biografia era estabelecer um elo entre moral e história, ao apresentar as figuras biografadas como modelos de conduta e virtude, tendo um objetivo pedagógico.

Reforça-se esse objetivo com a ideia de que a biografia permite o uso de elementos externos à historiografia para formar o imaginário de seus leitores, uma vez que, como já mencionado, coloca-os diante de modelos de conduta. Há mesmo uma ligação entre esse gênero de escrita com a literatura (LEVI, 1996, p. 168), influenciando os historiadores a incorporarem técnicas literárias.

Levillain (1996, p. 165) reconhece a importância da biografia de maneira clara, nos seguintes termos:

[...] a biografia reassume uma função a meio caminho entre o particular e o coletivo, exercício apropriado para identificar uma figura num meio, examinar o sentido adquirido por uma educação distribuída a outros segundo os mesmos modelos, analisar as relações entre desígnio pessoal e forças convergentes ou concorrentes, fazer o balanço entre o herdado e o adquirido em todos os domínios.

Numa perspectiva mais ampla, é verdade que o historiador tem a obrigação de estabelecer uma hierarquia sobre a sequência de eventos que leva à ocorrência de determinado fato histórico, e isso não depende apenas da vontade dos indivíduos. A grande questão, como pontua Avelar (2007), é compreender a representatividade da pessoa biografada para explicar relações e processos históricos, de modo que essa pessoa possa concentrar forças para agir sobre o cenário em que se insere.

Prost (2000, p. 14-15) segue pela mesma linha, também defendendo como os atores podem ser decisivos sobre um fenômeno histórico:

Em uma das extremidades desta hierarquia, as tendências pesadas, os fatores massivos, aqueles sobre os quais os atores nada podem, que eles suportam sem poder lhes influenciar. Na outra extremidade, aqueles que dependem diretamente de sua intervenção. De um lado as coações, de outro a decisão. [...] O historiador não pode obviamente fundar sua explicação exclusivamente sobre as tendências pesadas ou sobre as intervenções dos atores; ele é obrigado a cruzar umas com as outras e a discernir, tanto quanto possa, suas imbricações recíprocas. Isto quer dizer que ele constrói um universo de responsabilidades sob coações, onde a fatalidade é excluída, mas onde a liberdade jamais é total. De acordo com o tipo de história, os

historiadores são mais sensíveis ao peso das coações ou ao papel dos atores. A história econômica ou social está mais do lado dos constrangimentos. Na análise das crises, das grandes transformações como a industrialização ou a urbanização, e mesmo das correntes de pensamento como as Luzes, ela acentua a lógica das evoluções, a força das coisas. De seu ponto de vista, a margem de iniciativa dos atores parece em grande parte ilusória [...]. [Porém] não há crise sem banqueiros ou sem ministros de finanças, não há greve sem sindicatos, não há correntes de pensamento sem escritores. Inversamente, a história política, aquela dos erros e dos sucessos dos governos, aquela dos partidos, aquela das revoluções e dos golpes de Estado está mais do lado dos atores; ela acentua as decisões que influenciaram o curso das coisas, transformando a situação [...].

Saliente-se que há vertentes historiográficas que simplesmente negam a importância da biografia dentro da análise histórica. A respeito disso, Schmidt (2003) relembra o positivismo e o marxismo, correntes de pensamento dentro das quais “as transformações históricas aparecem como produtos de forças (leis naturais e imutáveis) impessoais, cabendo ao indivíduo uma ínfima margem de atuação” (SCHMIDT, 2003, p. 59-60).

Ainda que se rechace a ideia expressada no parágrafo anterior por considerá-la excessivamente radical, o rigor historiográfico também obriga que se façam críticas quanto ao recurso exclusivo à biografia. Silva (2013, p. 266) sustenta que essas críticas englobam, principalmente, três aspectos: a proximidade da biografia com a literatura, o que a afastaria de um compromisso com a verdade; a associação da biografia à história política tradicional, focada na figura do grande homem, em virtude de sua aplicabilidade na exaltação dos heróis; e a crença de que as biografias levariam à valorização de análises individuais em detrimento das análises coletivas, o que prejudicaria a compreensão histórica.

Há ainda a ressalva ao gênero biográfico. Ela vem do seu caráter restrito, por causa da evidente escassez de fontes para que se redijam biografias de todos os elementos da coletividade. Isso vem descrito por Le Goff (1989, p. 49-50), quando escreve que a biografia histórica:

[...] deve ser consagrada a um personagem sobre o qual possui-se o suficiente de informações, de documentos, ela tem boas chances de ser dedicada a um político ou a alguém que tenha ligações com a política. Ela tem, em todo caso, mais chances de ter por herói um ‘grande homem’ do que um homem comum.

A partir dessa observação, chega-se ao ponto nevrálgico deste artigo. Definir quais pessoas serão objeto de biografia é reconhecer as suas respectivas importâncias dentro de determinado papel histórico, resguardadas por teorias que as explicam ou desconsideram, sendo uma delas a Teoria do Grande Homem.

A TEORIA DO GRANDE HOMEM

A compreensão da trajetória humana sempre fascinou o estudioso da história. Da origem difusa e abstrata dos fenômenos sociais em forças produtivas ou movimentos espaço-temporais à vinculação dos acontecimentos a origens humanas, concretas e identificáveis, muitas teorias se desenvolveram para explicar o andamento dos fatos humanos durante a história. E uma dessas tentativas de explicação vem da Teoria do Grande Homem.

Desenvolvida pelo pensador escocês Thomas Carlyle (1795-1881), essa teoria preconiza que a história é produto da ação dos grandes homens que atuam sobre ela. Os agentes aptos a atuarem sobre o meio são os determinantes sobre ele, sejam eles heróis ou vilões, bons ou maus. Dessa forma:

As I take it, Universal History, the history of what man has accomplished in this world, is at bottom the History of the Great Men who have worked here. They were the leaders of men, these great ones; the modellers, patterns, and in a wide sense creators, of whatsoever the general mass of men contrived to do or to attain; all things that we see standing accomplished in the world are properly the outer material result, the practical realisation and embodiment, of Thoughts that dwelt in the Great Men sent into the world: the soul of the whole world's history, it may justly be considered, were the history of these¹ (CARLYLE, 2013, p. 21).

Note-se que, para o desenvolvimento dessa teoria, é necessário que se entenda quem é esse agente. O próprio Carlyle (2013) exemplifica sua compreensão de grande homem como uma divindade, um profeta, um sacerdote, um homem de letras, um poeta ou um rei, mas sua característica essencial é a ação sobre a história.

A teoria do escocês vem explicada por Roza (2020, p. 83):

Carlyle procurou por dois pilares que se deterioraram em seu presente: a fé e a ordem. Foi primeiramente em *On heroes* que Carlyle (1841) manifestou essa ausência por meio do resgate de diversas figuras históricas que – ao fim e ao cabo – possuíam uma forte inclinação à liderança. Os heróis conduziram o povo rumo à plenitude de sua geração e de sua sociedade; liderança essa fundamental para se estabelecer ordem social.

As ideias de Carlyle sobre os grandes homens também encontraram suas críticas. Um dos críticos de sua teoria foi o escritor russo Leon Tolstói (1828-1910). Em sua principal obra,

¹ Tenho que a História Universal, a história do que o homem fez no mundo, é, no fundo, a história dos grandes homens que trabalharam aqui. Eles foram líderes dos homens, esses grandiosos; os modelos, padrões, e, em sentido amplo, criadores, de tudo o que a massa geral dos homens planejou fazer ou atingir; todas as coisas que vemos realizadas no mundo são propriamente o resultado material externo, a realização prática e encarnação de pensamentos que habitaram nos grandes homens enviados ao mundo: a alma de toda a história do mundo, como ela pode com justiça ser considerada, foi a história deles. (tradução livre)

o romance histórico Guerra e Paz, cujo enredo se passa na invasão napoleônica à Rússia em 1812, ele também entra no debate sobre a importância de um único indivíduo para o desenrolar histórico.

De acordo com o russo, ao comentar sobre o aduzido evento histórico, um acontecimento no qual vários milhões de pessoas se digladiaram, muitas delas morrendo, não pode ter sido produto da vontade de um único homem. Haveria sobre esse evento uma infinidade de causas, mas não seria possível apontar nenhuma delas como verdadeira (TOLSTÓI, 1974).

Loriga (2011) explica que a crítica de Tolstói se direciona também à imoralidade do dito grande homem, uma vez que os heróis de sua obra principal, o já citado romance Guerra e Paz, são sujeitos morais. Além do mais, eles reconhecem sua dependência coletiva, chegando a renunciar à glória pessoal por se verem como simples partes integrantes dos anseios nacionais, uma vez que, para Tolstói, a vida só tem sentido como partícula de um todo (LORIGA, 2011), valendo especialmente para as figuras heroicas.

As diferenças entre as concepções do russo e do escocês quanto à visão sobre o grande homem desembocam em suas visões sobre o fenômeno do heroísmo. A crítica do primeiro tem também outro ponto fundamental: a impossibilidade de um homem só representar toda uma época. No aporte de Silva (2013, p. 270):

Ao contrário do herói de Carlyle, o herói de Tolstói não cristaliza os anseios e características de toda uma época. A multiplicidade de memórias relativas à vida do herói impossibilita a compreensão de todos os fatos, restando apenas fragmentos dos acontecimentos. Desse modo, ninguém pode representar sozinho toda uma época, assim como não é possível para alguém compreender a complexidade que envolve um período histórico.

Outro notável crítico foi o inglês Herbert Spencer (1820-1903) que questionava a ideia de Carlyle, apontando-a como frágil no tópico do surgimento dos ditos grandes homens. O inglês sustentava que o aparecimento dessas figuras só era possibilitado por uma complexa rede de influências e determinações sociais que o precediam, até convergir no recém-surgido herói (SPENCER, 1873). Isso significa concluir que a importância do grande homem é inferior à dessas forças precedentes.

Spencer (1873, p. 35) ainda enfatiza que:

If it be a fact that the great man may modify his nation in its structure and actions, it is also a fact that there must have been those antecedent modifications constituting national progress before he could be evolved. Before he can re-make his society, his society must make him. So that all those changes of which he is the proximate initiator have their chief causes in the generations he descended from. If there is to

be anything like a real explanation of these changes, it must be sought in that aggregate of conditions out of which both he and they have arisen. Even were we to grant the absurd supposition that the genesis of the great man does not depend on the antecedents furnished by the society he is born in, there would still be the quite-sufficient facts that he is powerless in the absence of the material and mental accumulations which his society inherits from the past, and that he is powerless in the absence of the co-existing population, character, intelligence, and social arrangements².

Mesmo diante da contundência de tais críticas, Carlyle teve defensores além dele próprio. Um deles foi o filósofo e psicólogo americano William James (1842-1910), que saiu em defesa do escocês, buscando refutar o argumento de Spencer em uma palestra proferida no ano de 1880, transcrita e publicada na revista *Atlantic Monthly*. Nela, James defendia que, pela lógica da conjunção de fatores preexistentes descrita por Spencer, a figura do grande homem seria replicável no mesmo tempo e local onde tais fatores se agrupariam, o que simplesmente não é verdade. Em suas palavras, James (1880, s.p) estabelece que:

To believe that the cause of everything is to be found in its antecedents is the starting-point, the initial postulate, not the goal and consummation, of science. If she is simply to lead us out of the labyrinth by the same whole we went in by three or four thousand years ago, it seems hardly worth while to have followed her through the darkness at all. If anything is humanly certain it is that the great man's society, properly so called, does not make him before he can remake it. Physiological forces, with which the social, political, geographical, and to a great extent anthropological conditions have just as much and just as little do as conditions of the crater of Vesuvius has to do with the flickering of this gas by which I write, are what make him. Can it be that Mr. Spencer holds the convergence of sociological pressures to have so impinged on Stratford-upon-Avon about the 26th of April, 1564, that a W. Shakespeare, with all his mental peculiarities, had to be born there [...] And does he mean to say that if the aforesaid W. Shakespeare had died of cholera infantum, another mother at Stratford-upon-Avon would needs have engendered a duplicate copy of him, to restore the sociologic equilibrium? [...] Here, as elsewhere, it is very hard, in the midst of Mr. Spencer's vagueness, to tell what he does mean at all.³

² Se é um fato que o grande homem pode modificar sua nação em sua estrutura e ações, também é um fato que devem ter existido essas modificações antecedentes constituindo o progresso nacional antes que ele pudesse ter evoluído. Antes que ele possa refazer sua sociedade, sua sociedade deve fazê-lo. Então, todas essas mudanças das quais ele é o aproximado iniciador tiveram suas causas principais nas gerações das quais ele descende. Se deve haver qualquer coisa como uma explicação real para essas mudanças, ela deve ser buscada naquele agregado de condições do qual ele e elas surgiram.

Mesmo se cedermos perante a absurda suposição de que a gênese do grande homem não depende dos antecedentes fornecidos pela sociedade em que ele nasceu, ainda existiriam fatos bastante suficientes de que ele é impotente na ausência das acumulações materiais e mentais que sua sociedade herda do passado, e que ele também é impotente na ausência de população, caráter, inteligência e arranjos sociais coexistentes (tradução livre).

³ Acreditar que a causa de tudo se encontra em seus antecedentes é o ponto de partida, o postulado inicial, e não o objetivo e consumação, da ciência. Se ela busca simplesmente nos levar para fora do labirinto pelo mesmo buraco de onde nele entramos por três ou quatro mil anos atrás, parece que dificilmente valerá a pena tê-la

De todo modo, James (1880) conclui que o ato de negar a importância da iniciativa individual torna vaga e anticientífica a visão evolucionária da história. A existência de pessoas extraordinárias, por mais inexplicável que elas tornem os meios sociais e históricos dos quais provêm, é um fato amplamente reconhecível.

Diante destas observações, defende-se que essa teoria fornece a chave para a compreensão do passado, em particular no que tange a eventos especialmente extraordinários. Um desses eventos, para a história do Brasil, foi a Guerra do Paraguai (1864-1870). A seguir, será oferecida uma narrativa sintética sobre ela, para compreender melhor por que a teoria historiográfica que aqui se descreve possui importância fundamental para explicá-lo em algumas de suas nuances.

A TEORIA DO GRANDE HOMEM E A GUERRA DO PARAGUAI

A identidade nacional de um país é indelevelmente ligada à história vivenciada pela nação, construindo-se em torno da imagem adquirida por tais fatos ao longo da trajetória nacional. Na América do Sul, um dos fatos marcantes para a construção identitária de seus envolvidos foi a Guerra do Paraguai, e compreendê-la é essencial para que se entenda como nela se pode inserir a figura do grande homem, que será trabalhada neste tópico, tendo como exemplo de aplicação uma análise do papel do Duque de Caxias (1803-1880) nos confrontos.

Síntese sobre a Guerra do Paraguai

Antes de entender a pessoa, deve-se compreender o fato. Para isso, expõe-se aqui uma síntese do que foi a Guerra do Paraguai (1864-1870), e qual sua importância histórica.

seguido pela escuridão. Se algo é humanamente certo é que a sociedade do grande homem, propriamente assim chamada, não o faz antes que ele possa refazê-la. Forças psicológicas, com as quais as condições sociais, políticas, geográficas e em grande parte antropológicas têm tanto a ver quanto as condições da cratera do Vesúvio têm com o oscilante gás sob o qual eu escrevo, são o que o fazem. É possível que o senhor Spencer considere a convergência das pressões sociológicas que se colidiram tanto em Stratford-upon-Avon, em 26 de abril de 1564, que um W. Shakespeare, com todas as suas peculiaridades mentais, tivesse que nascer ali [...] E ele quer dizer que, se o dito W. Shakespeare tivesse morrido de *cholera infantum*, outra mãe em Stratford-upon-Avon teria necessariamente engendrado uma cópia duplicada dele, para restaurar o equilíbrio sociológico? [...] Aqui, como em qualquer outro lugar, é muito difícil, em meio à vagueza do senhor Spencer, expressar o que este quis dizer (tradução livre).

Esposito (2015, p. 3) enuncia o tema de forma direta, denominando o conflito em sua obra como Guerra da Tríplice Aliança, nomenclatura também aceita por pesquisadores estrangeiros:

The War of the Triple Alliance, also known as the “Paraguayan War”, was the greatest military conflict in the history of South America. It was fought between four countries: by Paraguay, against an alliance formed by Brazil, Uruguay and Argentina. It was unique in South American history for the numbers of troops involved and, above all, for its terrible cost in lives. These deaths were to a great degree due to privation, disease, and famine, which the belligerents were neither equipped nor organized to alleviate.⁴

Como conflito regional, a Guerra do Paraguai foi a consequência da construção dos estados nacionais na região da Bacia do Prata, no decorrer do século XIX (DORATIOTO, 2002). Na confluência entre um Paraguai autocrático e expansionista, um Uruguai que passava por uma intensa guerra civil, uma Argentina que havia acabado de se reunificar, e um Brasil que acabava de trocar de gabinete de governo e diretrizes de política externa, surgiu um conflito de interesses que levou ao choque.

De todo modo, há divergência quanto à estipulação de qual foi o primeiro ato do conflito, apesar de poder ser traçada linha coesa na sequência dos acontecimentos da guerra. A hostilidade aberta entre o Paraguai e os futuros integrantes da Tríplice Aliança começou com o apresamento do vapor brasileiro Marquês de Olinda, em 12 de novembro de 1864, e por ordem do ditador paraguaio Francisco Solano López (1827-1870), em represália às ações do Império do Brasil na guerra civil que varria o Uruguai (SOARES, 2021). Em seguida, López ordenou a invasão da província brasileira de Mato Grosso antes de uma declaração formal de guerra, o que fez sob a justificativa de estar respondendo à intervenção brasileira na guerra civil uruguaia que ocorria naquele ano. Diante da agressão paraguaia, em 1865 compuseram-se em aliança o Império do Brasil e o novo governo do Uruguai, simpático aos interesses do Rio de Janeiro, a quem também se juntou a República Argentina, diante da invasão de seu território por forças paraguayas que buscavam chegar à província brasileira do Rio Grande do Sul e ao Uruguai (DORATIOTO, 2002).

⁴ A Guerra da Tríplice Aliança, também conhecida como “Guerra do Paraguai”, foi o maior conflito militar na história da América do Sul. Ela foi lutada por quatro países: pelo Paraguai, contra uma aliança formada por Brasil, Uruguai e Argentina. Ela foi única na história sul-americana pelo número de tropas envolvidas e, sobretudo, por seu terrível custo em vidas. Essas mortes foram em grande parte devidas à privação, doença, e fome, para as quais os beligerantes não estavam nem equipados e nem organizados para mitigar (tradução livre).

O conflito foi lento e custoso, durando até 1870, e há uma multiplicidade de motivos para que se possa explicar o porquê dessas longa duração. Doratioto (2002, p. 480) elenca alguns deles:

[...]os desentendimentos no comando aliado, a pouca iniciativa por parte dos chefes militares brasileiros, a falta de conhecimento geográfico sobre o Paraguai, o clima hostil, a bravura dos soldados paraguaios e a crescente perda de combatividade da tropa aliada.

Ressalta-se que as operações navais no ambiente fluvial que marcou grande parte do teatro de operações foram pontos importantes para a compreensão da guerra. Sobre elas, Esposito (2015, p. 20) assim se manifesta:

In this theater of operations control of the main waterways was fundamental; roads were few and of poor quality, and the rivers were the only practical means for commerce and long-distance travel. Rivers such as the Paraguay and the Paraña are immense by European standards, and provided both highways for military transport and formidable natural barriers to movement by land. Deep and wide, they were navigable by Brazil's ocean-going warships, but river movements were vulnerable to fire from shore batteries. Even small numbers of Paraguayans could effectively hamper any Allied river crossing, and major operations – such as the crossings of the Paraña in the second Half of April 1866 – presented enormous logistic difficulties for the armies of the day. In defensive battles, such as Curupaytí, the Paraguayans exploited opportunities to anchor their defensive lines against rivers. It was only after the Paraguayan Navy had long ceased to offer a serious threat that Caxias was able to circumvent the final line, anchored on Angostura, by his imaginative “Pikysry maneuver”.⁵

Diante do progresso do conflito, Assunção, a capital paraguaia, foi ocupada em janeiro de 1869, sendo que, já no mês seguinte, o Império do Brasil buscou estabelecer um governo provisório no Paraguai, ainda que Solano López continuasse a combater. A ideia imperial era pavimentar o caminho para a paz na região e reafirmar a existência do Paraguai como um Estado independente, diante das nítidas ambições expansionistas da Argentina, a

⁵ Neste teatro de operações, o controle das principais vias aquáticas era fundamental; estradas eram escassas e de baixa qualidade, e os rios eram os únicos meios práticos para o comércio e as viagens de longa distância. Rios como o Paraguai e o Paraná são imensos para os padrões europeus, e forneciam simultaneamente vias para o transporte militar e formidáveis barreiras naturais para o movimento por terra. Profundos e largos, eles eram navegáveis pelos navios de guerra marítimos do Brasil, mas movimentos fluviais eram vulneráveis ao fogo de baterias costeiras. Mesmo pequenos números de paraguaios poderiam efetivamente impedir qualquer movimento aliado de travessia dos rios, e operações maiores – como as travessias do Paraná na segunda metade de abril de 1866 – apresentaram enormes dificuldades logísticas para os exércitos da época. Em batalhas defensivas, como Curupaytí, os paraguaios exploraram oportunidades para fixar suas linhas defensivas contra os rios. Foi apenas muito depois que a Marinha Paraguaia deixou de oferecer uma ameaça séria que Caxias foi capaz de contornar a linha final, estabelecida em Angostura, com a sua imaginativa “manobra do Pikysry” (tradução livre).

qual, agora como parte vencedora, buscava anexar o máximo que pudesse do país guarani, mesmo que isso significasse extingui-lo. O fim definitivo da guerra veio no ano seguinte, com a morte em combate do ditador paraguaio (DORATIOTO, 2014).

Após essa síntese sobre o conflito, faz-se necessária a pontuação de que, mesmo diante da verificação de forças externas que moveram os acontecimentos, foi determinante o papel dos grandes personagens históricos que os integraram. Entre comandantes militares, representantes diplomáticos ou líderes políticos, a Guerra do Paraguai pôde apresentar como foram importantes certos indivíduos no decorrer dos fatos. Para introduzir esse papel com a tese que perfaz o objeto deste trabalho, expõe-se o caso de um dos mais icônicos personagens da Guerra do Paraguai: o Duque de Caxias (1803-1880).

O papel do Duque de Caxias como grande homem na Guerra do Paraguai

O cerne da Teoria do Grande Homem, tal como Thomas Carlyle a concebeu, é a apresentação da História como a sequência dos atos dos grandes homens que atuam sobre o tempo. Restringindo-se à análise da Guerra do Paraguai, tem-se que muitos de seus desenrolares dependeram exclusivamente da conduta de certas pessoas, sem as quais se impossibilita a compreensão do conflito. Uma delas foi o comandante brasileiro Luís Alves de Lima e Silva, que passou à história com o título nobiliárquico de Duque de Caxias.

Vindo de uma tradicional família de militares, o futuro duque ingressou cedo na carreira das armas, participando dos eventos militares dos primeiros anos do Brasil, de modo a estar presente na Guerra de Independência, na repressão à Confederação do Equador, e na Guerra da Cisplatina (SOUZA, 2009). Adquirindo título de Barão de Caxias a partir da repressão da Balaiada, rebelião regencial maranhense (PINTO DE CAMPOS, 1878), Luís Alves de Lima e Silva logo se tornou figura conhecida no Exército Brasileiro, graças ao seu papel na pacificação das revoltas internas do país (VIANA, 1942).

Durante a Guerra do Paraguai, a atuação de Caxias foi determinante para a vitória aliada graças ao seu exercício do papel de comandante-em-chefe dos exércitos aliados. Pelo Tratado da Tríplice Aliança, o líder dos exércitos das três nações aliadas que combatiam o Paraguai seria o então presidente argentino Bartolomé Mitre (1821-1906). Porém, no final de 1866, Mitre precisou se ausentar do comando para debelar uma revolta em seu país, de modo que, para impedir a acefalia das tropas aliadas, o governo imperial nomeou o então Marquês

de Caxias como seu novo comandante, fato cujo significado vem trazido por Doratioto (2002, p. 276) da seguinte forma:

Caxias assumiu o posto de comandante-em-chefe das forças brasileiras em 19 de novembro de 1866. O momento era difícil, pois o Exército aliado se encontrava desarticulado, sem ânimo, e o comandante brasileiro deveria substituir o clima de malestar, que Porto Alegre e Tamandaré criaram, pelo de cordialidade com Mitre. Ademais, Caxias tinha que reorganizar o Exército brasileiro e pôr fim às disputas políticas entre seus chefes, de modo a criar condições para vencer o conflito. Para isso, tornou mais eficientes as tropas brasileiras na guerra, fortaleceu a posição do Exército e ampliou sua autonomia em relação ao governo imperial, de modo a ter agilidade de ação. Foi essa autonomia que permitiu ao Exército construir uma identidade própria, dissociando-a paulatinamente, após a Guerra do Paraguai, do Estado monárquico para associá-la à Nação.

Essa nomeação também sucedeu a Batalha de Curupaiti, uma das maiores derrotas aliadas da guerra. A reputação de Caxias, contudo, foi suficiente para que sua simples presença alterasse o ânimo das tropas, ajudando a restaurar sua combatividade, como lembra Peixoto (1973, p. 360):

Naquela tarde de 18 de novembro de 1866, o acampamento de Tuiuti vibrava de entusiasmo e de emoção. Dos olhos dos oficiais e dos soldados, eretos na formação, em frente aos quartéis, deslizavam lágrimas. As feições não se continham dentro da severidade da disciplina. Os nervos saltavam por baixo, tensos e vibrantes como cordas de instrumento. Todas as brigadas e todos os corpos estavam formados para receber o novo comandante em chefe das tropas brasileiras na guerra do Paraguai. Ali, naquelas filas, perfilavam velhos camaradas de Caxias, nas guerras internas que vencera sem deixar feridas e na campanha do Prata que conduziu com sacrifício e sabedoria. Eles sabiam quem era o comandante que chegava. E a alegria, contida pela imobilidade da formação, manifestava-se em lágrimas. A confiança inflava os peitos. O pessimismo do malogro de Curupaiti já não era mais nenhuma lembrança. Caxias viera assumir o comando.

A importância de Caxias, no entanto, ia além de uma simples restauração do ânimo para os combates. Comentando o pensamento do polímata Gustavo Barroso sobre o militar imperial, Ribeiro (2011, p. 1119) explicita o papel da figura do marquês para o andamento operacional:

O objetivo a ser alcançado era a afirmação do valor da legalidade e do afastamento da política, a bem da unidade e da disciplina interna do Exército, base necessária para na seqüência ser enfatizada a fusão do Exército com a Nação. Para Gustavo Barroso, ninguém encarnava melhor isto do que a figura de Caxias, um disciplinador nato, apresentado como o maior lutador pela unidade e integridade da pátria. Um chefe militar a serviço de um estado forte e com um centralismo político como fora o Império.

O retorno de Mitre ao teatro de operações o recolocou no comando supremo aliado. Quando, porém, o vice-presidente argentino Marcos Paz (1811-1868) morreu, em janeiro de 1868, Mitre voltou a seu país para reassumir o governo. Para ocupar o lugar do presidente

argentino no comando militar, novamente Caxias foi reconduzido ao posto (BARROSO, 2019). Então, a inação que caracterizou o comando do argentino cessou, de modo que os aliados, reorganizados pelo Marquês, executaram a ofensiva definitiva contra o Paraguai.

Segue-se uma notável série de vitórias aliadas ainda em 1868, que desbarataram o que restava do exército paraguaio. Na sequência dos importantes enfrentamentos de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas, os atos de Caxias em campo de batalha contribuíram para a derrota dos exércitos de López. Por exemplo, Barroso (2019, p. 242) narra famoso episódio da Batalha de Itororó, em que o já velho Marquês, vendo as constantes tentativas fracassadas de suas tropas para forçar a passagem de uma ponte bem guarnecida pelos paraguaios, decide liderar uma carga de cavalaria, colocando-se à frente dos disparos inimigos:

Aí, o vaqueano Céspedes informa ao generalíssimo que existe um atalho à esquerda, pelo qual se pode contornar a posição. Caxias ordena a Osório que siga por ele com o 3º Corpo e realize o ataque de flanco. Enquanto Osório se põe em marcha, continua a terrível disputa da ponte. Novo contra-ataque, conduzido pelo general Gurjão com a infantaria, vem em auxílio do de Fernando Machado, que se malograva sob a fuzilaria e a metralha. Ferido gravemente, Gurjão retira-se para morrer. Então, o bravo Argolo se atira contra a ponte varrida de balas e cai ferido também. Todo o 2º Corpo se esfacelava de encontro à resistência paraguaia e o movimento de Osório demorava. Situação crítica! Caxias não hesita e manda avançar o 1º Corpo sob o comando de Jacinto Machado. A ponte é novamente transposta, mas os paraguaios se lançam em furioso contra-ataque sobre o flanco da infantaria imperial. Aí Caxias desembainha a espada invicta, esporeia o cavalo e conduz à luta a brigada de infantaria que tem de reserva, gritando com voz estentórea: Sigam-me os que forem brasileiros!

Essa sequência de vitórias foi possível também graças ao gênio tático e estratégico de Caxias, que a preparou com um dos movimentos mais brilhantes do conflito: a manobra de Pikysry. Esposito (2015, p. 18-19) a descreveu desta maneira:

By December 1868 the Pikysry line, supplied from Villeta, was held by about 12,000 Paraguayan troops with 85 guns; rather than attempting frontal attacks, Caxias then showed his talent. He shipped a strong part of his force across to the west bank; had them build a wooden "corduroy" road for some miles through the marshes to take them north; and on December 4 he shipped them back to the east bank at San Antonio, well behind the Paraguayan defensive line. Caxias then turned his army south, defeating Gen Bernardino Caballero's much weaker Paraguayan forces in detail at Ytororó on the 6th and Avay on December 12. On December 24, López rejected the surrender terms offered by the Allies and fled to Cerro León. After another Allied victory at Ypacaraí on Christmas Day, López personally led 10,000 men against more than twice that many Allies in a hopeless attack at Lomas Valentinas (Yta-Ibate) on December 27.⁶

⁶ Em dezembro de 1868, a linha do Pikysry, suprida a partir de Villeta, estava sendo mantida por 12 mil soldados paraguaios com 85 canhões; em vez de tentar ataques frontais, Caxias então mostrou seu talento. Ele embarcou grande parte de sua força através da margem oeste [do Rio Paraguai]; fê-la construir uma estrada "corduroy" de madeira por algumas milhas através dos pântanos para levá-la ao norte; e em 4 de dezembro ele a embarcou de

Coroado de glórias, o velho e doente comandante brasileiro se retirou do conflito em 1869, logo depois da queda de Assunção (ESPOSITO, 2015). Caxias, futuro patrono do Exército Brasileiro, senador do império e líder político do Partido Conservador, foi aclamado pela historiografia tradicional de seu país, a exemplo da descrição que lhe foi dada por Lima (2012, p. 224), como o homem “que alternava o comando do exército conduzido por ele à extinção das revoltas civis e à derrota dos tiranos estrangeiros, com a presidência de Ministérios devotados à paz”.

Na mesma linha, Calógeras (2009, p. 251) o trata como um dos grandes talentos expostos pela guerra, sem excluir as qualidades dos demais militares que dela participaram:

Dois estrategistas revelaram-se na campanha: o duque de Caxias, comandante do exército imperial, e, após a retirada de Mitre, general-em-chefe de todas as forças aliadas; o conde d’Eu, seu sucessor, durante a difícil fase final da guerra, a chamada campanha das cordilheiras. Chefes táticos, condutores de soldados, dedicados até a morte à causa que defendiam, foram inúmeros nos quatro grupos nacionais. Quanto aos soldados, não há elogio que possa exagerar seu mérito.

Tem-se, portanto, que o Marquês de Caxias, agraciado com o título ducal após o término do conflito, foi uma figura marcante não apenas no âmbito do Exército Imperial Brasileiro, mas também de todas as tropas aliadas. Visto como disciplinador ferrenho, estrategista habilidoso e comandante intrépido (especialmente após o episódio de Itororó), Caxias deixou, na Guerra do Paraguai, uma marca duradoura na história.

Saliente-se por fim, que há autores que questionam o papel histórico de Caxias. Porém, como explorar suas posições não integra o propósito deste artigo, reserva-se este exame para outro momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inescapável que, ao se estudar acerca das ações do homem no tempo e no espaço, faça-se a distinção entre aqueles que tiveram papel mais pronunciado em suas determinadas épocas e locais. O passado não teria ocorrido como ocorreu se não tivesse sido moldado não

volta para a margem leste em San Antonio, logo atrás da linha defensiva paraguaia. Caxias então virou seu exército para o sul, derrotando as muito mais fracas forças paraguaias do general Bernardino Caballero em Itororó no dia 6 e em Avaí em 12 de dezembro. No dia 24 de dezembro, López rejeitou termos de rendição oferecidos pelos aliados e fugiu para Cerro León. Depois de outra vitória aliada em Ypacaraí, no Natal, López liderou pessoalmente dez mil homens contra duas vezes mais aliados em um ataque desesperado em Lomas Valentinas (Yta-Ibate) em 27 de dezembro (tradução livre)

apenas pelas circunstâncias e movimentos que o integraram, mas também por seus grandes personagens, que imprimiram à história suas respectivas marcas.

Foi o desenvolvimento dessa ideia que pautou este trabalho, ao se mostrar a importância da força de um personagem para a ocorrência de um ou mais fatos históricos, ao versar sobre a participação do Duque de Caxias na Guerra do Paraguai.

A discussão se iniciou com uma abordagem sobre o valor da biografia como instrumento historiográfico. Apesar de se reconhecerem as vulnerabilidades do modelo, como sua eventual proximidade excessiva com a literatura e limitação de objeto apenas a personagens muito específicos em toda um complexo coletivo, teve-se que ele permanece uma fonte importante no estudo e compreensão da história. A biografia, afinal, é capaz de reconstruir os fatos a partir dos olhares de uma pessoa que deles participou, além de servir como importante parâmetro para averiguação de modelos de conduta boa ou má, a serem seguidos ou evitados, atribuindo-se-lhes um aprendizado moral graças a um juízo de valores emitido de acordo com a conduta do biografado.

Apresentou-se um importante sustentáculo teórico para compreender as biografias como elementos essenciais do estudo da história: a Teoria do Grande Homem, de Thomas Carlyle. Sucintamente, ela foi descrita como um pensamento cujo cerne é a defesa de que a história nada mais é do que o produto e sequência das ações dos grandes homens que atuam sobre ela, oriundos de todos os tipos humanos qualificáveis com características heroicas. Dos líderes político-militares aos artistas, o grande homem de Carlyle é fundamentalmente o agente que tem a possibilidade de agir sobre o tempo. Apresentaram-se diferentes visões sobre a teoria, como a defesa de William James e as críticas de Leon Tolstói e Herbert Spencer, concluindo-se por sua validade enquanto ferramenta explicativa.

Neste estudo, tratou-se acerca da aplicabilidade prática dessa teoria, usando-a para embasar a análise de fatos históricos. Para isso, elegeu-se a Guerra do Paraguai, por toda a sua dimensão e seu significado no contexto sul-americano, em particular no que tange às histórias dos países que dela participaram. Em um primeiro momento, foi feita uma sucinta apresentação sobre o conflito, expondo suas principais características. Depois, expôs-se como a Teoria do Grande Homem é cabível à compreensão da Guerra do Paraguai mediante a breve análise da participação de um de seus grandes personagens nos combates. Pelo seu valor histórico para o Brasil, o personagem escolhido foi o Duque de Caxias.

A partir dessa análise, sustenta-se que Caxias pode se encaixar na ideia de grande homem preconizada por Carlyle. Sua participação nos combates foi absolutamente determinante para o andamento dos acontecimentos. Em um primeiro momento, quando de sua nomeação provisória como comandante-em-chefe das forças aliadas ainda em 1866, o então marquês, se viu diante de um exército desmoralizado por recentes reveses na guerra, além de estar desorganizado e mal treinado. O comandante brasileiro, então, impôs rígida disciplina e rotina de reorganização às combatidas tropas aliadas, como forma de prepará-las para os combates vindouros, o que se refletiu na substancial melhoria de desempenho em combate de seus soldados. Isso se tornou mais evidente pelos eventos de 1868 em diante, momento em que o militar imperial reassumiu definitivamente as funções no comando supremo das forças da Tríplice Aliança, em virtude da sequência de vitórias acachapantes obtidas sobre as forças paraguaias. O heroísmo da figura de Caxias se manifestava sob diversas formas, indo desde a bravura pessoal, como apresentado no momento em que liderou uma carga de cavalaria na batalha de Itororó, até a superioridade de seu gênio tático e estratégico, exemplificado por sua ideia de efetivar a manobra do Pikysry, movimento que evitou um potencialmente desastroso ataque frontal às baterias paraguaias posicionadas na linha defensiva homônima e possibilitou uma série de vitórias em batalhas campais subsequentes, levando à captura da capital do Paraguai.

A crença de que os fatos históricos acontecem exclusivamente por força de agentes externos, abstratos e inomináveis importa na negação do significado das ações de homens como o Duque de Caxias. Toda conclusão fática tem e deve ter um autor individualizável, de maneira que não se pode entender a história sem a ação de seus personagens notáveis. Ainda que o exército da Tríplice Aliança tivesse muitos comandantes notáveis, foi Caxias que implementou sua reorganização e o comandou em campanha vitoriosa, sabendo como se esquivar dos reveses que os mesmos comandantes notáveis haviam experimentado nos momentos anteriores à sua assunção da chefia das tropas. Ainda que a história não trabalhe com condicionantes, e a divagação sobre alternativas pretéritas hipotéticas também não seja intenção deste trabalho, é prudente defender que, sem o cérebro e a espada de Luís Alves de Lima e Silva à frente de brasileiros, argentinos e uruguaios, tudo poderia ter sido diferente.

Diante do que se expôs, conclui-se que a Teoria do Grande Homem é uma ideia plenamente válida para a explicação da história. Afinal, conhecer os grandes homens da história de uma nação permite também ter uma ideia dos caminhos por onde se constrói sua

própria identidade, e um dos melhores exemplos para se verificar isso, no caso do Brasil, reside na análise do papel desempenhado pelo então Marquês de Caxias na Guerra do Paraguai, exatamente como feito no decorrer deste artigo.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Alexandre de Sá. A retomada da biografia histórica: problemas e perspectivas. **Oralidades**, v. 2, 2007.

BARROSO, Gustavo. **História militar do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2019.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CALÓGERAS, João Pandiá. **Formação histórica do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2009.

CARLYLE, Thomas. **On Heroes, Hero-Worship, and the Heroic in History**. Yale: University Press, 2013.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **O Brasil no Rio da Prata (1822-1994)**. 2. Ed. Brasília: FUNAG, 2014.

ESPOSITO, Gabriele. **Armies of the War of the Triple Alliance 1864-1870: Paraguay, Brazil, Uruguay & Argentina**. Oxford: Osprey Publishing, 2015.

JAMES, William. **Great Men, Great Thoughts, and the Environment**. Washington: Atlantic Monthly, 1880. Disponível em: <https://brocku.ca/MeadProject/James/James_1880.html>. Acesso em: 25 de julho de 2021.

LE GOFF, Jacques. *Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?* **Le Débat**, n. 54, mar./abr. 1989. P. 48-53.

LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (Org.) **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 141-184.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LIMA, Manuel de Oliveira. **Formação histórica da nacionalidade brasileira**. Tradução de Aurélio Domingues. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2012.

LUCAS, Gustavo Corrêa. **A contribuição do Duque de Caxias na identidade moral do soldado do Exército Brasileiro, no contexto da Guerra Tríplice Aliança**. 2020. 39f. Monografia (Curso de Graduação em Ciências Militares) – Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, RJ.

PEIXOTO, Paulo Matos. **Caxias: nome tutelar da nacionalidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edico, 1973.

PINTO DE CAMPOS, Joaquim. **Vida do grande cidadão brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1878.

PROST, Antoine. Como a história faz o historiador? **Anos 90**, Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, n. 14, dez. 2000.

RIBEIRO, Cristiano Prado. Gustavo Barroso e a Construção do Exército Brasileiro. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, **Anais...** Universidade Estadual de Maringá, set.2011

ROZA, Filipe Lomba Garcia. A idealização do passado no conservadorismo reformista de Thomas Carlyle. **Revista Vox**, n. 12, p. 78-88, 2020.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis: história & cultura**, v. 2, n. 3, 2003.

SILVA, Luzia Gabriele Maia. A biografia e a busca por uma dimensão individual da história. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 6, n. 12, p. 265-271, 2013.

SOARES, Álvaro Teixeira. **Diplomacia do Império no Rio da Prata (até 1865)**. 2. ed. rev. Brasília: FUNAG, 2021.

SOUZA, Adriana Barreto de. Experiência, configuração e ação política: uma reflexão sobre as trajetórias do duque de Caxias e do general Osório. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 10, p. 90-111, 2009.

SPENCER, Herbert. **The study of sociology**. London: Henry S. King & Co. 1873.

TOLSTÓI, Leon. **Guerre et paix**. Paris: Éditions de Poche, 1974.

VIANA, Ascânio. A atuação de Caxias como pacificador. **A Defesa Nacional**, v. 29, n. 339, 1942.